

Recessão, amargo remédio

Economistas dizem que custo social é alto, mas não há outra saída

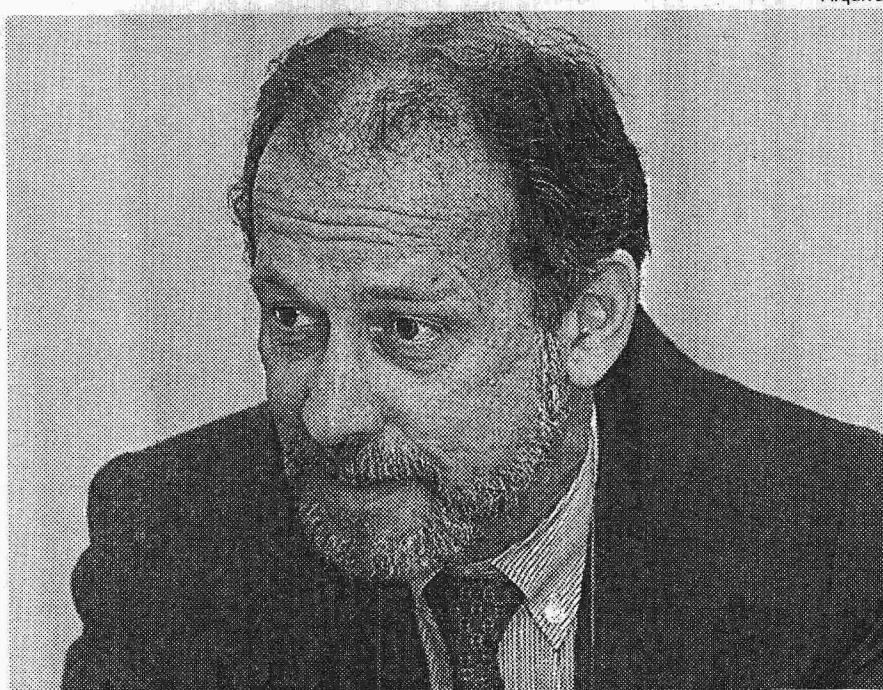
SÔNIA ARARIPE

Recessão. Uma consequência amarga, mas, infelizmente, inevitável. Esta é a avaliação de economistas em relação às medidas preparadas pelo governo para tentar solucionar os problemas econômicos. Desta lista certamente fazem parte cortes nas despesas, demissões de cerca de 27 mil servidores não estáveis e aumento em impostos, provavelmente da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira.

"Não havia outra solução. Mexer no câmbio agora, como alguns poderiam sugerir, seria um desastre bem pior. O custo social será enorme, mas inevitável", disse José Márcio Camargo, professor do departamento de economia da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ).

O economista acabou de voltar do México onde acompanhou de perto o impacto na economia de uma solução diferente da que o Brasil está adotando. "Os mexicanos liberaram o câmbio, mas hoje, têm uma inflação alta, em torno de 38% ao ano e uma gravíssima crise social. O empobrecimento dos mexicanos é visível", conta José Márcio Camargo.

Na sua opinião, fica difícil dizer que o governo está agindo a reboque dos acontecimentos, em ritmo lento. "Depois que a crise é detonada, ficá cômodo fazer esta análise. Não vejo assim. A turbulên-



José Márcio Camargo diz que mexer no câmbio seria um desastre maior

cia deixou de ser um problema dos mercados internacionais do mundo e passou a ser uma crise brasileira. Temos que agir e rápido. Infelizmente, haverá recessão e teremos um desemprego mais alto no início de 1998. O professor Simonsen ensinava que crise cambial também mata", diz.

Carlos Thadeu de Freitas Gomes, professor do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (IBMEC) e ex-diretor do Banco Central, concorda que o pacote fiscal é recessivo, mas também não vê outra solução. "A única alternativa diferente seria afrouxar o câmbio. Mas isto

só poderia ter sido feito em céu de brigadeiro. Estamos no meio de uma baita turbulência. O custo desta mexida no câmbio seria muito pior", acredita.

O único problema, segundo o ex-diretor do BC, é que os operadores do mercado podem até aprovar as medidas, mas acabem ficando tensos pela perspectiva daqui pela frente. "O mercado deverá ficar travado. Falta ao governo um instrumento de política monetária de curto prazo. Os papéis que temos são hoje de longuíssimo prazo", diz Carlos Thadeu.

Arquivo